

coração ela tratava como um templo sagrado, tornar-se palco de sofrimento e de ofensas. Elas vinham dos colegas, que riam dos cabelos trançados, e da professora, que excluía e maltratava alunos pretos e em situação de vulnerabilidade como ela.

“Daquela menina que entrou com o olho brilhando para aprender, passei a sonhar em ser invisível”, explica. “As violências foram tantas e tão intensas que eu não tinha repertório e não as associava com racismo. Então, acabava acreditando que tinha alguma coisa muito errada em mim.”

Gina saiu da primeira série pensando que não sabia ler. Sentia-se uma farsa. Na segunda série, porém, um encontro fundamental transformou esse caminho. A professora Creusa Pereira, negra retinta, surge não só com um colo para os momentos de tristeza, mas também como referência de mulher ocupando um espaço que não fosse subalternizado. “No encontro com a professora Creusa eu forjei o meu conceito do que é ser professora.”

Naquele ano, veio o primeiro elogio ao cabelo trançado e o primeiro convite para participar de uma apresentação na escola, de fantasia e com maquiagem que deslumbrava em frente ao espelho. “Eu recebi um banho de amor que me marcou tanto que eu construí a ideia de que ser professora é isso: alguém que vai entrar na vida de uma criança, de um adolescente, para fazer a diferença. Carrego isso até hoje.”

Nasce uma professora

“Outra coisa que eu aprendi é que, na educação, quando você muda a vida de uma criança, você muda a vida de uma família toda”, analisa a professora. Gina formou a primeira turma por volta dos 11 anos de idade. Foram os três irmãos mais novos. “Eu chamei os três e disse: ‘Vocês vão entrar na escola sabendo ler. Vocês não vão passar pelo que eu passei’”. Hoje, dois deles são professores e a mais velha atua como orientadora educacional na rede pública.

Aos 11 anos, ela participou pela última vez da tão aguardada colônia de férias, ofertada anualmente pelo Governo do Distrito Federal a alunos da rede pública. Foi nesse projeto que ela curtiu a Piscina com Ondas do Parque da

Cidade e pisou pela primeira vez em um cinema. No mesmo ano, ganhou um concurso de redação, concorrendo com crianças de todo o DF. O tema era aviação civil e uma palestra do professor Batista, monitor da colônia, foi suficiente para a perspicaz aluna gabaritar o texto e ganhar uma viagem a São Paulo.

Seu Moisés acompanhou a filha ao gabinete da então secretária de Educação, Eurides Brito, para receber o prêmio. A equipe da secretaria se sensibilizou com a situação da família e fez uma vaquinha para arrecadar roupas para a viagem. “A recordação que eu tenho é daquela sacola de roupas doadas pelos funcionários da secretaria chegando lá em casa e aquele monte de menino que não tinha roupa para vestir. Eles falavam: ‘Tá vendo como vale a pena ser estudioso?’”

Formação criteriosa

A educação salvou Gina de diferentes maneiras. Uma delas foi por afastá-la de contextos sociais que poderiam se tornar nocivos. Hoje, ela é uma árdua defensora da educação integral — que pensa o aluno em sua dimensão afetiva, cognitiva, psicomotora e emocional — e em tempo integral. Após se formar na Escola Normal de Ceilândia, ela prestou concurso e, em 11 de abril de 1991, entrou na sala de aula como professora pela primeira vez. Uma passagem como responsável pela gestão da biblioteca do CEF 10 a fez abrir os olhos para o universo da literatura. “Percebi que eu havia passado por toda a minha educação básica sem ter tido um professor ou uma professora que me falasse sobre literatura. Descobri o prazer de ler o texto literário trabalhando numa biblioteca”, relata Gina.

Ali ela encontrou o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, conheceu Clarice Lispector, Machado de Assis, e se libertou do fundamentalismo de uma religião à qual estava vinculada. “Os meus horizontes se abriram, e eu sentia uma vontade enorme de cursar letras”, afirma. A formação no curso superior chegou quando ela dava aulas havia oito anos. Teve início também o trabalho com adolescentes. Gina se deparou com um cenário assustador, apesar de ao mesmo tempo muito próximo à realidade

Arquivo pessoal



Única foto da família toda reunida, com Moisés e Djanira



Com a professora Creusa, no lançamento do livro do projeto



Nos braços dos alunos do CEF 12 de Ceilândia, 1º ano do projeto

dela: jovens negros, moradores de uma região de tantas maneiras deixada à margem. Mesmo diante de esforço e empenho, a sala de aula era um caos e o desinteresse reinava. A professora adoeceu e precisou ficar um período afastada do trabalho. Mas, com a alma curiosa e a perseverança que carrega, decidiu investigar o que acontecia. Por que os jovens odiavam a escola?

Tempo de reparação

O ano era 2003, e ela decidiu mergulhar em qualificações

e pesquisas para criar um projeto pedagógico que atendesse às demandas dos seus alunos, insatisfeitos com a lógica instrumentalizadora do ensino que era ofertado. Foram três especializações e mais de 2 mil horas de cursos de extensão para ter a base teórica da pedagogia de projetos.

Anos mais tarde, essa preparação culminaria no Mulheres Inspiradoras. A popularização das redes sociais e a forma estigmatizada como as meninas se mostravam nelas e também como eram vistas e tratadas na

sala de aula e nos relacionamentos íntimos foram o gancho para estruturar uma proposta que envolvia resgate de memória, literatura e produção escrita.

O objetivo era ajudar as estudantes a olharem para outras mulheres e vislumbrarem possibilidades identitárias diversas. “Eu posso ser uma mulher grandiosa mesmo que eu não corresponda a um determinado padrão estético”, lembra Gina, que usou a obra de Carolina Maria de Jesus como uma das grandes referências literárias do projeto.

A recompensa

Nesses 10 anos, Gina contabilizou quase 20 prêmios recebidos — os dois mais recentes no Senado Federal e na Casa do Cantador, em Ceilândia, ao lado de 27 mulheres que marcaram a história da cidade. Em 2016, o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF) ofereceu doar recursos para que o projeto chegasse a mais escolas e a Organização de Estados Ibero-americanos (OEI) auxiliou na gestão da verba.

Quinze instituições de ensino foram contempladas. Os resultados dessa experiência-piloto contribuíram para que o projeto se tornasse parte das políticas públicas educacionais da rede pública de ensino do DF, por meio de portaria publicada em maio de 2021. Em outubro de 2022, no entanto, uma nova portaria tornou a anterior sem efeito.

“Hoje, cerca de 50 escolas dispõem das obras literárias do programa, porque, de 2017 a 2021, esse foi o número aproximado de escolas alcançadas”, orgulha-se Gina, esperando que o programa tenha continuidade. Em 2018, ele foi adotado nas escolas municipais de Campo Grande, e à África em 2021.

“Como dizia a minha mãe Djanira, a boa semente encontra solo fértil para brotar e dar frutos. O Projeto Mulheres Inspiradoras tem raízes profundas, nasceu da semente dos meus pais, que lutaram muito para que nós tivéssemos acesso à educação. Ele não está nos gabinetes, chancelado institucionalmente, mas as ideias e as ações que ele propõe seguem circulando e sensibilizando as pessoas a se engajarem na causa da educação e na luta pelos direitos de meninas e mulheres.”